

A cooperação social como prática dialógica

Social cooperation as a dialogic practice

Marcia Eliana Martins¹

me.martins2010@gmail.com

SENNETT, R. 2012. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro, Record, 377 p.

Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação é um livro de Richard Sennett, publicado no Brasil no ano de 2012, como parte de um projeto empreendido pelo autor cujo “objetivo é estudar as habilidades de que precisamos na vida cotidiana”, relacionando “as maneiras como as pessoas modelam o empenho pessoal, as relações sociais e o ambiente físico”, tendo como base o homem como seu próprio artífice (p. 10). Por isso, é chamado por ele de “Projeto Homo Faber”, que pressupõe a publicação de três livros cujos temas – habilidades materiais, cooperação e construção inteligente de cidades – são complementares.

O primeiro livro deste projeto foi publicado em 2009 no Brasil. Neste momento, Sennett procurou estudar as habilidades manuais e mentais do trabalho não industrializado, como uma “capacidade ao alcance da maioria dos seres humanos”, mas que não é valorizada na sociedade moderna. Trabalhando essa hipótese, o autor então tem sua atenção voltada para a cooperação enquanto um “valor social [presente] na realização de tarefas práticas” (p. 9), o que o leva, numa segunda publicação (*Juntos*), a realizar um estudo sobre a cooperação como uma habilidade, uma vez que esta “requer a capacidade de mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto”. A finalização

deste projeto acontecerá a partir da publicação de um livro sobre a construção das cidades, pois, com base no entendimento prévio das habilidades materiais e da cooperação social, o autor argumenta que poderão surgir “novas ideias sobre a maneira como as cidades podem ser mais bem-feitas” (p. 10).

Richard Sennett é um sociólogo norte-americano, nascido em 1943 na cidade de Chicago (EUA). Atualmente é professor-visitante emérito da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Em sua juventude, Sennett foi músico profissional, até que uma doença o impediu de continuar a carreira, encaminhando-o, assim, para um curso de sociologia. Neste sentido, o próprio autor afirma que “minha sociologia é construída em torno do modelo de aquisição da habilidade de tocar um instrumento, e a prática e o aprimoramento da prática têm sido sempre o centro do que tenho realizado em sociologia” (Instituto Humanitas Unisinos, 2012). O autor procura, em suas principais obras, entender como os indivíduos e grupos constroem os sentidos social e cultural de fatos relevantes, sobretudo do ponto de vista da cidade em que vivem e sobre o trabalho que desenvolvem. “He focuses on how people can become competent interpreters of their own

¹ Universidade Federal de Viçosa. Avenida Peter Henry Rolfs, s/n, Campus Universitário, 36570-000, Viçosa, MG, Brasil.

experience, despite the obstacles society may put in their way" (Sennett, 2008).

Em *Juntos*, o autor procura estabelecer uma forma de estudar e entender a cooperação social – que ele mesmo define como uma “troca em que as partes se beneficiam” (p. 15) – a partir de alguns pressupostos. Em primeiro lugar, o conceito será estudado “recorrendo a pesquisas em antropologia, história, sociologia e política”, cujos escopos dão forma às três grandes partes em que está dividido o livro: “Moldando a cooperação”; “Enfraquecendo a cooperação” e “Fortalecendo a cooperação”. Em segundo, Sennett entende que a “capacidade de cooperar de maneira complexa” está arraigada à natureza humana e seu desenvolvimento remonta à nossa primeira infância. É com base nas experiências de cooperação que as crianças vão se individualizando ao longo da vida, e, assim, estas relações entre indivíduos e grupos se tornam mais complexas. Estas complexidades levam ao que o autor classifica como “tipo exigente de cooperação”, uma vez que ele argumenta que não perdemos nossa capacidade de cooperar na vida adulta, mas a partir de nossas experiências cooperativas, ao longo do tempo, temos cada vez mais a necessidade de cooperar com pessoas que normalmente diferem de nós em termos de crenças, valores, religião, classe social. O que nos levaria a um comportamento social semelhante ao tribalismo, ou seja, a nos fecharmos em grupos “homogêneos” que rechaçam tudo o que é diferente. Para Sennett, este comportamento é contraproducente, mas representa “um novo tipo de caráter que surge na sociedade moderna, um eu a-cooperativo, despreparado para lidar com a complexidade e a diferença” (p. 44), embora estejamos imersos em uma sociedade complexa que necessita, na opinião do autor, da cooperação para o seu funcionamento.

A partir disto, a proposta do autor é apresentar uma série de estudos de caso, com base no que chama de uma discussão dialógica – apresentando-os ao leitor para que este possa formar um “engajamento crítico” e não ser convencido de “determinada posição” (p. 44). A cooperação é então discutida como uma habilidade que se baseia na comunicação: uma atitude que exige “expor algo com clareza”, mas também “atentar de perto para o que os outros dizem e interpretar antes de respon-

der”, o que resultará, segundo o autor, numa conversa “enriquecida, mais cooperativa, mais dialógica” (p. 26). A conversa dialógica, neste sentido, “não resulta na identificação de um terreno comum” a partir dos argumentos trocados, mas “amplia a compreensão recíproca” e faz com que “as pessoas se conscientizem de seus próprios pontos de vista” (p. 30).

Como, então, o autor desenvolve seus argumentos ao longo do texto?

Sua proposta ousada é “examinar globalmente a cooperação de muitos ângulos diferentes”, sem realizar um estudo que aponte aos outros como se comportar. Para tanto, utiliza os ensaios, cujo objetivo é apresentar pensamentos, ideias ou associações que não têm o propósito de instruir ou agradar o leitor, mas auxiliá-lo a refletir por si mesmo.

A fim de realizar este intento, na primeira parte do livro – “Moldando a cooperação” – o autor busca realizar uma “modelagem da cooperação na política”, procurando responder se existe algum tipo de política de cooperação que possa contestar o “espírito do nós-contra-eles”, uma forma de comportamento humano que está arraigada no que ele chama de paisagem política moderna (p. 44). Realiza, assim, uma análise que busca relacionar a cooperação a três conceitos principais: solidariedade, competição e ritual. Seus argumentos mostram como a solidariedade foi construída ao longo do tempo, sobretudo a partir de experiências como os sindicatos trabalhistas alemães, as organizações católicas de voluntariado francesas e as oficinas norte-americanas para negros, as quais representavam “maneiras de praticar a cooperação face a face para gerar solidariedade” (p. 51). A competição é tida também como inerente à natureza humana, mas como “um impulso destrutivo”, e é preciso encontrar o equilíbrio entre esta e a cooperação nas práticas cotidianas de grupos e indivíduos. Quais são as possibilidades para que isto aconteça? Na opinião do autor, este equilíbrio só é possível através das trocas diferenciadas ou dialógicas, ou seja, através de trocas baseadas em rituais em que os indivíduos são considerados diferentes, nem melhores nem inferiores. Os rituais, por sua vez, vão auxiliar neste equilíbrio através de três aspectos: a repetição ou ensaio, que leva à impregnação de um comportamento ou atitude; a transformação de objetos, movimentos

² O comportamento “nós-contra-eles” é descrito pelo autor logo no início do texto e pode ser entendido como aquele em que um determinado indivíduo ou grupo se opõe a outros indivíduos ou grupos que acredita serem seus antagonistas em termos culturais, econômicos, políticos ou sociais.

corporais e objetos inexpressivos em símbolos, e a expressão dramática. Ele então argumenta que os ritos estabelecem vínculos sociais; por isso, devem ser simples e de fácil acesso “para que todos possam participar” (p. 117).

Entretanto, o autor alega que estes rituais sofreram uma “virada” no início da era moderna, em virtude das mudanças sociais e econômicas advindas da industrialização, da expansão do capitalismo, da transformação dos ritos religiosos (Reforma Protestante), da disseminação dos meios de comunicação e do surgimento de uma nova ética da sociabilidade, tornando frágil o equilíbrio entre cooperação e competição, o que perdura até os dias atuais.

Tais fatos abrem caminho para que o autor inicie a segunda parte do livro – “Enfraquecendo a cooperação” –, cujo objetivo é apresentar, por meio de “trabalhos de campo etnográficos”, as “maneiras como a cooperação pode ser debilitada”, sob o ponto de vista sociológico, discutindo o “estado da cooperação na sociedade moderna” (p. 163). Sennett argumenta que “a sociedade moderna debilitou a cooperação à sua maneira” (p. 17), e a forma mais direta se refere à desigualdade que, para ele, pode ser igualmente explicada observando nossa primeira infância, na forma de desigualdades impostas às crianças – diferenciação por habilidades e capacitação que acontece desde a primeira escola –, o que as tornam menos sociáveis. Abordando a questão da cooperação *online* e a influência das novas tecnologias de comunicação no ato cooperativo, ele acrescenta que as “crianças de hoje cada vez mais consomem relações online”, o que as levam a “diminuir a interação social constante com outros jovens” (p. 180). Esse é outro fator que contribui para debilitar a cooperação.

Por outro lado, a cooperação também é debilitada por meio das mudanças na esfera do trabalho. A “estrutura das organizações modernas” gera o isolamento por meio do “efeito de silo” (incapacidade dos indivíduos de interagir, comunicar-se e cooperar) e do trabalho de curto prazo (aquele em que o indivíduo é constantemente trocado de atividade e não consegue manter vínculos com seus colegas). Neste sentido, a desigualdade pode ser expressa na esfera econômica das sociedades modernas como distância social, gerando

o comportamento “nós-contra-eles”. O autor ainda argumenta que existem “forças culturais que militam [...] contra a prática da cooperação exigente” (p. 19), uma vez que os indivíduos e grupos sociais buscam se relacionar sem sobressaltos ou incômodos (“ansiedades”) decorrentes das diferenças que possam emergir entre eles e os outros. Isso tudo acarreta um “eu que não coopera”, ou seja, numa condição em que o indivíduo “se retira” em face dos desafios que se apresentam à prática da cooperação (p. 219).

Para enfim chegar à última parte do livro, “Fortalecendo a cooperação”, Sennett argumenta que “esta perda [significativa da capacidade de cooperar] não é fatal; pode ser reparada” (p. 238). Assim, ele se propõe a analisar “maneiras como a cooperação pode ser fortalecida, centrando a atenção nas habilidades capazes disso” (p. 44). Seus argumentos visam a demonstrar como a “prática comum das habilidades técnicas” em “trabalhos físicos” (p. 241) pode fortalecer os vínculos sociais, sem, contudo, pressupor que as pessoas que conseguem realizar bem estes trabalhos serão necessariamente capazes de cooperar. Ou seja, mesmo em experiências sociais que pressupõem um trabalho comum, podemos inferir que nem todas as pessoas envolvidas estarão efetivamente envolvidas.

Para o autor, “[...] a cooperação evidentemente exige certo grau de compromisso, mas o compromisso assume muitas formas: qual delas escolher?” (p. 45). Neste sentido, propõe três formas de analisar o processo de desenvolvimento de aptidões físicas que incidem sobre a vida social fortalecendo os vínculos: “as maneiras como os ritmos de trabalhos físicos se corporificam” em rituais; a forma como “os gestos físicos [...] dão vida a relações sociais informais” e a “maneira como o trabalho do artesão com resistência física esclarece o desafio do trato com resistências e diferenças sociais” (p. 241). Isso implica analisar a formação de rituais a partir do ambiente de trabalho – para Sennett, as oficinas –; a formação de símbolos e a “transferência” da forma de trabalho do artesão – o emprego da força mínima³ – para situações sociais difíceis.

“De que maneira fazer com que as três coisas sejam empregadas para melhorar as rela-

³ O emprego da força mínima diz respeito à capacidade do artesão em lidar com a resistência de determinados materiais em seu trabalho, não resistindo ou entrando em guerra com estes, mas empregando a sensibilidade. Este comportamento pode ser utilizado numa analogia ao comportamento social dialógico: “Somente mediante um comportamento com um mínimo grau de autoafirmação podemos nos abrir para os outros” (p. 255).

ções sociais? Como poderiam essas habilidades corporificadas fortalecer a cooperação, em particular?” (p. 257).

O autor parte então para a discussão dos “consertos sociais”, justificando que a cooperação é um comportamento social que precisa de conserto, uma vez que “suas origens [...] são na verdade duradouras; admitem conserto” (p. 265). Mas um conserto que permite perceber o processo de transformação sofrido pela cooperação, ou seja, que mantém em evidência seu passado – deficiências e debilitações – em meio aos novos elementos que são acrescentados a partir do “conserto”.

Dessa forma, o autor nos apresenta como argumento final que, apesar de não entendermos “o que se passa nos corações e mentes de pessoas com as quais temos de trabalhar” e de que “não podemos realmente conhecer a vida íntima dos outros”, “a falta de entendi-

mento recíproco não nos deve impedir de nos relacionar com os outros, [quando] queremos que algo seja feito em conjunto” (p. 329). Pois, embora a cooperação tenha sofrido distorções ao longo do tempo, sobretudo no contexto da sociedade moderna, esta capacidade não pode ser eliminada, uma vez que está profundamente arraigada na natureza humana; mais do que acreditam as próprias instituições modernas.

Referências

- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU). 2012. Notícias. Juntos Agora. Entrevista com Richard Sennett. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512802-juntos-agora>. Acesso em: 29/05/2013.
- SENNETT, R. 2008. Brief Biography. Disponível em: <http://www.richardsennett.com/site/SENN/Template/General.aspx?pageid=8>. Acesso em: 29/05/2013.